



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARÍLIA DA SILVA PEREIRA

**HISTÓRIA DA CACHAÇA EM ABAETETUBA: O auge e o declínio
dos engenhos**

ABAETETUBA/PA

12 MAIO 2014

MARÍLIA DA SILVA PEREIRA

HISTÓRIA DA CACHAÇA EM ABAETETUBA: O auge e o declínio dos engenhos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA) em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciado em ciências sociais.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira

ABAETETUBA/PA

12 MAIO 2014

MARÍLIA DA SILVA PER EIRA

HISTÓRIA DA CACHAÇA EM ABAETETUBA: O auge e o declínio dos engenhos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA) em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciado em ciências sociais, Orientado pelo Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira.

Data da Aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

Banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira

Avaliador (a) :
Prof.

Avaliador (a) :
Prof.

Dedico este trabalho aos meus familiares, meus pais, irmãos, filhos e esposo. Em especial ao meu querido irmão David da Silva Pereira, que almejou com orgulho este momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pelas provisões e sustentações no decorrer deste trabalho.

Aos meu pais, Sr. Raimundo de Oliveira Pereira e Sr.^a Maria Nila da Silva Pereira, por honrarem a responsabilidade e me conduzirem as conquistas.

Aos meus filhos que sempre me apoiaram e compreenderam a minha ausência, enquanto buscava formação intelectual e pessoal.

Aos meus irmãos e irmãs pelo incentivo e companheirismo, agradeço em especial ao professor orientador Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira, pela dedicação e profissionalismo ao orientar-me para o sucesso deste trabalho.

Agradeço a todos que contribuíram direta e indiretamente com a construção deste trabalho.

RESUMO

A referida pesquisa busca-se desenvolver estudo sobre o auge e declínio dos engenhos no Município de Abaetetuba no Estado do Pará. Tomando como objeto da mesma, o único engenho remanescente do período áureo da aguardente no Município – Engenho Pacheco - visto que nas décadas 40 e 50, havia cerca de 60 (sessenta) deles. E para fomentar este estudo foi desenvolvida a pesquisa de campo que busca o registro em lócus, por meio de entrevistas, relatórios de campo, análises da realidade, fotografias, entre outros. Abaetetuba viveu um período economicamente de grande importância para a região tocantina, tornando-se principal exportadora de cachaça. Este produto foi, no século XX, a principal base da econômica do Município e que contribuiu para o desenvolvimento no referido período. Este estudo tem como objetivo pesquisar este período áureo e os fatores que levaram ao declínio do principal produto-base da economia abaetetubense.

Palavra-chave: Aguardente, economia, auge, declínio e cachaça.

ABSTRACT

Such research will seek to develop a study on the peak and decline of the mills in the city of Abaetetuba in Pará Taking as an object of the same, the only remaining mill's heyday of spirits in the City - Skill Pacheco - in the decades since 40 and 50, there were about sixty (60) of them. And to fuel this study fieldwork seeking enrollment in locus, through interviews, field reports, analyzes of reality, photographs, among others was developed. Abaetetuba enjoyed a period of great economic importance for Tocantina region, becoming the leading exporter of rum. This product was in the twentieth century, the main base of the economic County and contributed to the development in the period. This study aims to research this golden period and the factors that led to the decline of the main product of abaetetubense-based economy.

Keyword: Brandy, economics, peak, decline and rum.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 01: Brasão da Bandeira da Cidade de Abaetetuba	12
Fig. 02: Brinquedos de Miriti	16
Fig. 03: Garrafa feita artesanalmente, com materiais específicos da região – tala e barbante (envira) - que ornamentavam as garrafas de cachaça para serem vendidas em feiras culturas do Município e Capital do Estado	20
Fig. 04: Engenho Pacheco – anos 1980, produção ainda em alta. A foto mostra trabalhadores na máquina de moer e triturar a cana-de-açúcar (moinho) que tirava a chamada garapa que era transportada para os grandes toneis.....	26
Fig. 05: Engenho Pacheco – Essa imagem retrata o Engenho Pacheco nos anos 1970, período que ainda, se tinha boa produção de cachaça. As máquinas todas funcionando para o progresso econômico da Cidade	27
Fig. 06: Engenho Pacheco - Máquina importada de Londres, Inglaterra. Essa máquina tinha a função de transportar, via tubos, a cachaça fermentada dos toneis e levá-la até o alambique. Isso mostra todo o investimento econômico para manter a boa e próspera produção de cachaça.....	28
Fig. 07: Engenho Pacheco – Essa fotografia mostra bem a situação estrutural do único engenho de Abaetetuba – Engenho Pacheco. O que foi riquezas de um tempo áureo ao declínio da perversa e devastadora concorrência capitalista.....	32
Fig. 08: Engenho Pacheco – Frente do engenho em ruínas. Como o proprietário relatou, ele está impossibilitado de fazer qualquer reforma, necessitando atenção dos órgãos que tombaram o patrimônio.....	36

Fig. 09: Engenho Pacheco – O que restou dos 8 tonéis de armazenamento da cachaça, onde a bebida passava dias no processo de fermentação até passar para outra fase de produção.....**37**

Fig.10 Engenho Pacheco: O Alambique que, segundo o proprietário, é a máquina mais importante e complexa da produção da cachaça. Destila a bebida levando para o tonel, pronta para o consumo.....**37**

Fig. 11: Engenho Pacheco – Na fotografia o proprietário do engenho mostra e explica o funcionamento do forno – caldeira. Na outra foto aparece a máquina de moer – moinho - a cana, para tirar o que se chama de garapa, o caldo da cana. Essas máquinas já estão muito deterioradas, mas segundo o senhor, ainda podem funcionar visto que foram desativadas em 2011.....**38**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I - ABAETETUBA: ASPECTOS HISTÓRICO - SOCIAIS DO MUNICÍPIO	12
1.1 ECONOMIA E ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DE ABAETETUBA.....	13
CAPÍTULO II - OS ENGENHOS EM ABAETETUBA.....	17
2.1 OS DIVERSOS ENGENHOS E HISTÓRIA DA CACHAÇA EM ABAETETUBA.....	17
2.2 UM “MAPA DA CACHAÇA” EM ABAETÉ.....	19
CAPÍTULO III - O AUGE E O DECLÍNIO DOS ENGENHOS.....	24
3.1 O AUGE DA CACHAÇA EM ABAETETUBA: “ALICERCE DA ECONOMIA”	26
3.2 O DECLÍNIO DA CACHAÇA EM ABAETETUBA.....	30
3.3 ENGENHO PACHECO: DO AUGE DA ECONOMIA ABAETETUBENSE A PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL.....	34
3.4 CULTURA DA CACHAÇA DE ABAETETUBA: ENGENHO PACHECO.....	35
3.5 ENGENHO PACHECO - “DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO”.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41
ANEXOS.....	43

INTRODUÇÃO

A pesquisa faz uma análise dos aspectos históricos de Abaetetuba no período do auge dos engenhos no Município, pois a estruturação dos diversos engenhos e a fabricação da cachaça durou muito tempo no município, percorrendo o século XX, compreendendo o processo de fabricação e comercialização do produto, auge e declínio da produção.

Durante muitas décadas a atividade da agricultura no Brasil era feita de forma irresponsável e assimilava muitas práticas hoje consideradas predatórias e danosas ao meio ambiente. Isso comprometeu a produção de certos produtos diminuindo notavelmente muitas áreas agricultáveis e que foram se transformando em desertos pela ação da erosão, queima do solo, etc. Nessas condições, o Brasil, começou a implantação de técnicas de modernização para melhorar as condições de produtividade visando um processo agrícola sustentável.

Muitos grupos organizam-se em entidades, federações, associações, pois a partir da organização buscam o desenvolvimento sustentável rural do país voltado para a reforma agrária e a valorização das famílias camponesas. Porém, as regiões brasileiras apresentam realidades muito distintas, de evoluções agrícola, pois existem especificidades de climas, solos, estudos e técnicas relacionadas à produção. Mas, a modernização da agricultura iniciada no pós-guerra e intensificada nos anos 1960, por sua vez, trouxe relações diferentes tanto do avanço na produção quanto em relação aos modos de trabalho das famílias que desenvolvem as atividades no campo.

Com a introdução de máquinas, equipamentos, fertilizantes, defensivos agrícolas, ferramentas e máquina gerenciais, mas, também, com base nos estudos da genética, a partir do melhoramento e produção de novas variedades de seres vivos. Com isso, a agricultura e as indústrias apresentaram transformações expressivas, pois o estímulo à agroindústria estava ligado as demandas que os produtores tinham neste processo. Tal problemática, trouxe mudanças nas relações de trabalho, pois a agricultura perdeu sua produção artesanal.

O Município de Abaetetuba possuiu uma economia basicamente de subsistência, desde pelo menos os primórdios dos anos 40 e 50 do século passado. A cidade ficou conhecida à época como “a terra da cachaça”, com o consequente cultivo da cana-de-açúcar servindo como importante atividade econômica voltada à

produção de aguardente, de mel e de açúcar. Tudo isso produzido através das atividades das mini-indústrias. Neste processo de desenvolvimento e declínio das atividades agrícolas em Abaetetuba, mais especificamente, da cana-de-açúcar para a fabricação da cachaça, bem como da importância do entendimento de aspectos socioculturais desta história é que esta pesquisa desenvolve-se.

Este declínio de atividades agrícolas de subsistência foi se dando pelo fato do não incentivo do Governo local, pois a região Nordeste e Centro Oeste do país começaram a receber incentivos e subsídios para modernizar e ampliar a produção. Em Abaetetuba isso não aconteceu e a disputa de mercado tornou-se desigual, resultando em um paulatino processo de declínio da atividade.

Este fenômeno trouxe outra dinâmica de trabalho para a população local, mudando as relações que eram voltadas as atividades rurais, de subsistência e que abasteciam as fábricas com a matéria-prima necessária à produção de aguardente. Nesta mudança de relação de trabalho a população começa a garantir sua subsistência mediante a informalidade, tornando-se o trabalho informal uma prática corrente no município. Porém, a memória acerca da agricultura da cana de açúcar permanece viva nas recordações dos abaetetubenses, pois foram décadas de ascensão econômica e social que dinamizaram o município.

Abaetetuba se tornaria, no auge da cachaça, um município exportador da bebida, abastecendo os vários mercados internos e externos, como os vários municípios da região tocantina: Barcarena, Igarapé-Miri, Moju, Acará, entre outros e também o mercado da região nordeste e sudeste que eram consumidores de nossa aguardente. Isso mostra a força e importância que o produto detinha no município, quando famílias trabalhavam, plantavam e forneciam a matéria prima para os mais de sessenta (60) engenhos outrora existentes no município. Desta forma, para entender o auge e o declínio desse produto e dessa economia é que torna-se necessário um estudo para compreender a memória e o processo de transformação do trabalho nos engenhos de Abaetetuba.

Com isso, além de contribuir fortemente com o registro das memórias de pessoas envolvidas nesse processo produtivo, esta pesquisa ajudará a compreender as formas de trabalho existentes naquele período, contribuindo para estudos futuros.

Sendo assim, a referida pesquisa apresenta três capítulos, distribuídos da seguinte forma: o primeiro faz um apanhado do contexto histórico de Abaetetuba, considerando os aspectos populacionais, desenvolvimento socioeconômico e aspectos sociais, buscando contextualizar as principais características do município. O segundo capítulo mostra as características dos engenhos de Abaetetuba, as suas localizações, o modo de produção e desenvolvimento. O terceiro, por sua vez, volta-se para o desenvolvimento da pesquisa por meio da análise de relatórios feitos nas visitas, observações e entrevistas, das relações das pessoas com os engenhos, referindo-se ao auge e ao declínio da produção da cachaça.

Neste sentido, oriento-me pela pesquisa de campo. Para tanto, busco incluir entrevistas, dados decorrentes da aplicação de questionários e a observação participante, acompanhadas pelos registros de campo e análises de materiais obtidos pelas entrevistas. Foi utilizado, ainda, um diário de campo, bem como o registro fotográfico com o uso de uma máquina digital. Na pesquisa fui a campo buscar registros, informações daquele período que originou o nome “terra da cachaça”, ficando como referência de estudo no contemporâneo, o único engenho remanescente desse período que é o “engenho Pachêco”, localizado na região ribeirinho, como a maioria dos que existiam na região.

Realizei entrevistas com historiadores, moradores da comunidade do engenho Pacheco e parente de antigos trabalhadores de engenhos. Fotografei a alguns pontos da comunidade onde o engenho se localiza, registrei informações importantes e observei as ruínas que restaram da época da cachaça. Os donos de engenhos – os chamados engenhistas - tinham relações de comércio entre si, então, foi de suma importância entrevistar e registrar as história e os documentos da época sob posse do Senhor Pacheco e que falam sobre produção do período, o auge, o trabalho e as causas que levaram o declínio de um tempo de prosperidade e crescimento econômico de Abaetetuba.

CAPÍTULO I - ABAETETUBA: ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS DO MUNICÍPIO

Abaetetuba é um Município considerado de médio porte, sendo o sexto mais populoso do Estado do Pará, conforme o censo Populacional do IBGE¹ 2011.

Fig 01: Brasão da Bandeira da Cidade de Abaetetuba.



FONTE: Acervo Fundação Cultural Abaetetubense.

O município possui topografia bem acidentada, apresentando a presença de 72 ilhas, rios, igarapés, furos que constituem a chamada zona ribeirinha – região das ilhas. O município, segundo o censo do IBGE 2013, possui contingente populacional de aproximadamente 147.267 habitantes.

Com o Fundador do município - Francisco Azevedo Monteiro - vieram os primeiros habitantes, caboclos ribeirinhos e, posteriormente, também as famílias marajoaras. Porém, há miscigenação de índios, negros e brancos na população desta cidade, que compõe a população como um todo. Esta chegada e mistura de raças e povos na cidade fez com que ocorresse o crescimento acelerado da população. A maioria dos moradores da cidade é paraense, mas existem famílias vindas do Sudeste do país como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, entre outros locais, pois nas últimas duas décadas há um maior crescimento e deslocamento dessas famílias para Abaetetuba e toda a região, consequência da implementação do complexo industrial e o projeto Albrás Alunorte e às empresas existentes na Vila do Conde, no município de Barcarena, próximo a Abaetetuba.

¹ IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

1.1 ECONOMIA E ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DE ABAETETUBA

Nas últimas duas décadas o comércio de Abaetetuba vem crescendo bastante, principalmente a varejista e a atacadista, de roupas e calçados, entre outros, tornando-se a principal fonte econômica. Mas, em décadas passadas existiram grandes quantidades de pequenas indústrias.

Nos anos 1950 Abaetetuba tinha indústrias decorrentes das atividades agrícolas, isto é, principalmente aquelas relacionadas à cultura da cana-de-açúcar, voltadas à produção da famosa aguardente e, também, pequenas indústrias de sabão e de processamento do arroz que não tinham tanto destaque econômico.

Atualmente, Abaetetuba cresce na área do comércio, existindo várias lojas, supermercados e uma Associação Comercial que organiza e discute o crescimento econômico do município. Segundo o IBGE – através do Cadastro Central de Empresas, 2011 - são 1069 unidades de empresas cadastradas oficialmente, as quais aquecem a economia de Abaetetuba, portanto, são dados de empresas e estabelecimentos cadastrados. Ou seja, tal panorama dá uma visão de como o município está voltado para a economia do comércio.

Trata-se de um dos mais movimentados e promissores comércios da região do Estado do Pará, responsável atualmente pela base da economia municipal. A municipalidade abastece a micro região, onde destacam-se as cidades de Moju, Barcarena, Igarapé Miri, além das comunidades ribeirinhas.

A proximidade geográfica da capital Belém do Pará com o município de Abaetetuba, facilita as influências recebidas da capital. São influências, principalmente, envolvendo às atividades comerciais. E, em relação a população, existem muitas diferenças entre aquelas consideradas urbanas e as rurais, especialmente no que tange a comportamentos, costumes, hábitos, realidades sociais, organização comunitária, etc.

Embora Abaetetuba tenha avançado na área social nos últimos anos, ainda persistem muitos problemas que afetam a vida dos moradores. Embora a geração de empregos tenha aumentado nos últimos anos graças ao crescimento da economia, com o desenvolvimento do comércio, ainda existem muitas pessoas

desempregadas. A economia tem crescido, mas não o suficiente para gerar os empregos necessários.

A falta de uma boa formação educacional e qualificação profissional de qualidade também prejudicam a vida dos desempregados. Muitos têm optado pelo emprego informal (sem carteira registrada), fator que não é positivo, pois estes trabalhadores ficam sem a garantia dos direitos trabalhistas. Abaetetuba, na área educacional conta com um polo da Universidade Federal do Pará – UFPA – que oferta cursos de licenciatura, mas não há cursos na área industrial, e isso é um equívoco, pois o município fica a 50 km do polo industrial de Barcarena.

O Instituto Federal do Pará IFPA é uma escola que há 10 anos foi transformada em um centro profissionalizante que é a Escola Cristo Trabalhador. Esses Institutos e Universidade têm contribuído para a formação da população, porém faltam cursos direcionados às áreas da indústria e comércio. Abaetetuba é uma cidade que um terço de sua população é jovem, situada entre 15 e 25 anos, segundo o IBGE 2013. Mas, este contingente populacional precisa ser qualificado e isso é uma preocupação a nível nacional, pois pesquisas publicado no portal *globoeconomia* mostra o crescimento da população jovem no Brasil, muitos sem oportunidades e qualificação profissional.

O Brasil terá na próxima década uma oportunidade que, se não for bem aproveitada, pode se tornar o maior desperdício de sua História. Até 2023, a população de jovens entre 15 e 24 anos somará mais de 33 milhões. É uma força de trabalho que tem potencial para aumentar o crescimento econômico do país. Mas, na última década, o desempenho dos jovens no mercado de trabalho ficou aquém da média nacional. Eles estudaram mais, porém tiveram dificuldade maior para obter emprego. Levantamento exclusivo do IBGE mostra que, entre junho de 2003 e junho de 2013, a taxa de desemprego dos jovens de 16 a 24 anos caiu 41,6%. Na média dos trabalhadores de todas as idades das seis maiores regiões metropolitanas do país, a queda foi bem maior, de 53,8% (disponível em oglobo.globo.com/economia, data de acesso: 08/01/2014).

São dados importantes para contextualizar a realidade do trabalho no Brasil, principalmente nas grandes capitais, onde há indústrias, fábricas, empresas, etc. No entanto, o número de desempregados e sem qualificação é bem maior nos interiores, como Abaetetuba, que não tem indústrias, grandes empresas e grandes centros profissionalizantes que ofereçam a qualificação pertinente com a realidade

do município. Apesar disso, ainda se mantem como o Município polo da Região Tocantina.

Para que realmente tenha desenvolvimento o município precisa de políticas públicas que atendam os anseios da população, planejadas e voltadas para as áreas que o município mais carece, como a área do emprego e renda, saúde e educação, pois são pilares de desenvolvimento e crescimento econômico da cidade. Lopes (2008) afirma que políticas públicas são um conjunto de ações e decisões do governo, voltadas para a solução (ou não) de problemas da sociedade.

Abaetetuba para ter maiores avanços nos aspectos sociais/comunitários precisa, com urgência, dessas políticas públicas que melhorem as condições de vida e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) em 2010 é 628 - a fim de que a população desfrute de um desenvolvimento tanto urbana como rural/ribeirinha, que é uma característica das cidades do Pará. Por exemplo, Abaetetuba, em termos culturais, tem suas especificidades, uma vez que é considerada o “celeiro de artistas” e a terra do artesanato do brinquedo de miriti.

Os Brinquedos de Miriti, uma fibra leve da palmeira também conhecida como Buriti e chamada de isopor da Amazônia, são fabricados há 200 anos no Pará. Nascidos da espetacular capacidade de adaptação do caboclo brasileiro à natureza que o circunda, os Brinquedos de Miriti são a expressão da sensibilidade e da representação ingênua do universo ribeirinho da região de Abaetetuba, cidade vizinha de Belém, distante hora e meia de carro e balsa, ou duas horas de barco, o transporte mais usado, talvez até pela calma e placidez que a floresta e os igarapés sugerem. (Disponível em: www.homeartesanatoparaense, data de acesso: 12/02/2014).

Os Artesanatos e brinquedos feitos da palmeira do Miriti são exclusivos e característicos da região, retratando a diversidade e os costumes do cabloco² da Amazônia. Os artesanatos eram somente encontrados em Belém no período do Círio de Nazaré, no entanto, hoje com o apoio e parceria do SEBRAE e do Governo do Estado do Pará, que implantou o Programa de Capacitação para todos os artífices que trabalham com o artesanato do miriti. Foi fundada a Associação dos Artesões de Miriti de Abaetetuba, ASAMAB, que conta com mais de 100 integrantes.

²O termo caboclo, segundo Lima-Ayres (1999, p.119), é utilizado “no sentido coloquial, [sendo] amplamente utilizado na Amazônia brasileira como uma categoria de classificação social”, refere-se aos pequenos produtores rurais de ocupação histórica, também classificados como camponeses.

A possibilidade de renda e trabalho despertou o interesse de gerações mais novas que se uniram e fundaram a Ong do Miriti – MIRITONG - desenvolvendo produtos diferenciados e novas atividades.

Fig 02: Brinquedos de Miriti.



FONTE: ACERVO PESSOAL

Isso retrata, em parte, a diversidade cultural do Município, rica em tradições. Há, também, as importantes e respeitadas tradições religiosas com as festividades de Nossa Senhora da Conceição – Padroeira do Município – entre outras muito conhecidas. Nessa mesma característica religiosa existe a Folia de Reis, festividades tradicionais de vários padroeiros. Dentre os cultos afros, por sua diversidade e beleza, é importante lembrar de Iemanjá, temos a quadra junina, que já considerada um dos maiores concursos de dança junina do Estado. Ou seja, Abaetetuba tem grande destaque e importância na cultura do Estado.

Porém, como em outros aspectos, o que falta são políticas públicas direcionadas ao estímulo à essas práticas culturais, pois ainda não se conta com uma Secretaria de Cultura e, sim, com uma Fundação Cultural que não demanda recursos. Ou seja, não há recursos próprios, mas somente projetos de captação visando o fomento de alguns eventos do calendário municipal de eventos.

CAPÍTULO II - OS ENGENHOS EM ABAETETUBA

Abaetetuba está localizada as costas do Baixo Tocantins no afluyente denominado Rio Maranata, pertencente a mesorregião do Nordeste paraense e a micro região do Município de Cametá. Os seus limites físicos são: ao Norte – o rio Pará e o Município de Barcarena; ao Sul ficam os Municípios de Igarapé Miri e Moju. O século XX para o Município de Abaetetuba ficou marcada por um grande crescimento econômico advindo de um produto que ficara muito popularizado e disputado por vários mercados da região. Os engenhos, em sua maioria, estavam localizados às margens dos rios e, quase sempre, nas comunidades das ilhas do município. Isso facilitava o transporte da cana-de-açúcar. Segundo relato do proprietário do único engenho que ainda existe, o senhor Pacheco– dono do Engenho Pacheco - havia mais de 60 engenhos no município, todos eles produzindo muita aguardente e garantindo o crescimento econômico de Abaetetuba, principalmente nas décadas de 50 e 60.

2.1 OS DIVERSOS ENGENHOS E HISTÓRIA DA CACHAÇA EM ABAETETUBA

Se partíssemos da premissa de buscar a história da aguardente no Brasil, poderíamos entender melhor todo um contexto político, econômico e social de uma época colonial de escravidão, voltada à produção, importação e ampliação nas diversas regiões do Brasil. Nestes termos, um dos pesquisadores que refletiu sobre o tema da cachaça é Camara Cascudo. Em sua publicação sobre a História das bebidas no Brasil, o autor traz referências históricas dos diversos momentos da cachaça e as nomenclaturas que a mesma recebia, tendo influência do imaginário português “cachaça” até alcançar o seu uso corriqueiro pelos sertanejos, conforme Cascudo (2009).

A cachaça, aguardente de cana, ou pinga, é uma bebida alcoólica tipicamente brasileira. Seu nome pode ter sido originado da palavra *cachaza* que significa vinho de borra, de acordo com Muller (2010, p.17). São várias as origens, histórias e denominações que esse produto recebeu ao longo do tempo. Retomando a sua trajetória no município de Abaetetuba, “terra da cachaça”, segundo Pacheco (1988), encontramos documentos da história da cachaça em Abaetetuba, referindo-se ao

auge e ao declínio de outrora pujante economia da aguardente, restando apenas um engenho e muitas histórias e lembranças daquele período áureo e as consequências de tudo isso.

As primeiras mudas de cana de açúcar em Abaetetuba começaram a surgir para o comércio por volta de 1850, neste período a cachaça era fabricada por pequenos engenhos ou barracões de maneira rudimentar. Nos engenhos da época, não era fabricado apenas a aguardente, pois os chamados engenhistas diversificavam a produção e a fabricação, como era o caso da produção de açúcar moreno – açúcar de cor escura – muito comercializado na freguesia local. A aguardente era obtida e fabricada nos alambiques feitos de barro – argila – que eram confeccionados pelos caboclos.

O processo rudimentar de obtenção da aguardente seguiu seu curso lentamente, durante a década de 50 e 60, já era visível a grande procura da aguardente no mercado consumidor, o que gerava a perspectiva de um mercado muito lucrativo e dinâmico ligado a grande comercialização e, crescimento econômico, pois os proprietários dos engenhos viam sua produção e negócios prosperarem de forma satisfatória.

Discorrer sobre as causas que levaram a outrora próspera indústria de aguardentes de cana em Abaetetuba ao desaparecimento, ou melhor, ao declínio desse principal produto, que garantiu por décadas um aquecimento econômico é uma questão importante para pensarmos o desenvolvimento da região tocantina.

Segundo o portal São Francisco – que tem um site que conta a história da cachaça. A cachaça, aguardente ou pinga é uma bebida alcoólica tipicamente brasileira. Atualmente, só existe uma pequena unidade fabril – engenho – desse produto em Abaetetuba e que décadas passada chegou, no auge da fabricação, em 1950, 1960 e 1980, produzir perto de 1.000 litros por mês da famosa cachaça de Abaeté, mas que encontra-se desativado por falta de investimento e manutenção. A cachaça, segundo Cascudo (2010, p 54), ou ainda, “a aguardente compõe a identidade nacional porque mediou um conjunto de acontecimentos históricos diferentes que variam em cada região”.

Ou seja, a cachaça tem histórias em diversas regiões do Brasil, histórias que envolvem a identidade cultural e a atividade agrícola para muitas famílias. A cana de açúcar, ainda tem a importância, hoje, como produto voltado a uma maior produção do etanol – combustível considerado renovável e que produz ganho maior na produção de álcool do que da aguardente propriamente dita.

A região do Baixo Tocantins teve em seus vários municípios grandes engenhos produtores de aguardente, a cachaça. O município de Abaetetuba teve seu auge na fabricação e na produção da cachaça, eram vários engenhos que despontavam-se para engrenar a economia que crescia como as garrafas de aguardentes.

2.2 UM “MAPA DA CACHAÇA” EM ABAETÉ

Havia uma série de engenhos em Abaetetuba no período do referido auge. Engenhos e histórias que tornaram a cachaça de Abaetetuba imortalizada e que deram o nome de “terra da cachaça”. Para termos uma ideia da produção da época é importante apresentar um levantamento dos engenhos e a localização dos mesmos na região, ou seja, apresentar o que estamos chamando de um “mapa da cachaça”. Assim, iremos nos localizar na história e contextualizar o auge e o declínio que esse produto teve para alavancar a economia abaetetubense em meados dos anos 50 e 60 do século passado.

Abaetetuba ainda representa um atrativo quanto a sua característica cultural de produtora de cachaça, atraindo pessoas de diversas regiões, turistas e historiadores. Esta característica está relacionada com a história da produção da bebida, que entre os anos de 1891 à 1950, era fabricada em 60 engenhos e indústrias de açúcar. Por conta dessa grande produção, Abaetetuba ficou conhecida como “a terra da cachaça”. Os produtores de cachaça buscaram criar um produto diferenciado e de qualidade, portanto, merecem ser reconhecidos e valorizados. Nesse mapa dos engenhos presentes à época em Abaetetuba, ou “mapa da cachaça”, busco entender quem eram e onde localizavam esses engenhos.

O progresso do comércio e da economia do município decorria do aumento financeiro adquirido pela força desta produção. O produto era bastante

comercializado, fazendo com que houvesse grande demanda e procura do produto, durante o chamado “Boom da cachaça”. A fabricação e comercialização da cachaça de Abaetetuba, com suas características de embalagem artesanal feita com material das ilhas de Abaetetuba – traçado de talas e cipó, por exemplo - é o resultado das atividades laborais e artesanais dos caboclos ribeirinhos das ilhas.

Fig 03: Garrafa feita artesanalmente, com materiais específicos da região – tala e barbante (envira) - que ornamentavam as garrafas de cachaça para serem vendidas em feiras culturais do Município e Capital do Estado.



FONTE: Rai Cardoso – Pesquisador.

Apresento logo abaixo o “mapa da cachaça”, com os engenhos que alavancaram a economia e deram a contribuição para melhor desenvolvimento de Abaetetuba. Não estão todos registrados nesse mapa, pois o município de Abaetetuba não conseguiu registrar todos, uma vez que alguns deles eram muito distantes e sem maior ligação com o comércio local. Alguns dos estabelecimentos ficavam mais perto da vila Maiuatá, reduto do Município de Igarapé-Miri, ou seja,

neste caso era bem mais fácil vender para outros municípios, pela proximidade do que abastecer Abaetetuba.

Engenhos do auge da cachaça em Abaetetuba

ENGENHO	NOME DO PROPRIETÁRIO	LOCALIZAÇÃO
Santa Olinda	Saul da Silva	Baia Marapatá
Feliz	Bernadino Costa	Rio Paramajó
Paraíso	Francisco Miranda	Rio Jarumã
São João	Manoel Sena	Acaraqui
São Sebastião	Raimundo Quaresma	Rio rumanduba
São José	Pinheiro Maués	Rio Arumanduba
Alvorada	Raimundo Solano	Rio Guajará
São João	Claudionor Viana	Rio Guajará
São Raimundo	Raimundo Corrêa	Rio Sapucajuba
São João	Manoel Ferreira	Rio Maracapucu
São Raimundo	Claudionor Viana	Rio Maracapucu
São Raimundo	Raimundo Dias	Rio Maracapucu
Santa Rosa	Arthur Nunes	Costa Maratauirá
Casa Branca	João Pupunha	Costa Maratauirá
Vista Alegre	José Nunes	Costa Maratauirá
São Pedro	Álvaro Matos	Costa Maratauirá
Santo Antônio	Elpidio Bacaba	Costa Maratauirá
São Luís	Luís Nobre	Igarapé Tauerazinho
São Sebastião	Manoel Costa	Rio Rapapu
São Cláudio	Hermancindo Maués	Rio Arapapu
São Francisco	Francisco Nobre	Rio Piquiarana
Progresso	José Matos	Rio Piquiarana
Conceição	Joaquim Freitas	Rio Piquiarana
Mata	Félix Mota	Rio Piquiarana

Dom Bosco	Francisco Meireles	Rio Japariquara
São Manoel	Manoel Rego	Rio Maracapucu – Miri
São Francisco	Francisco Gomes	Rio Maracapucu-Miri
Deus é Bom Pai	Manoel da Silva	Furo do Tucumanduba
São Pedro	Indalécio Rodrigues	Furo do Tucumanduba
Catispera	Henrique Costa	Furo do Tucumanduba
Santo Antônio	Galileu Vilaça & Cia.	Furo do Tucumanduba
Empresa Nazaré	Raimundo Altino Costa	Furo do Tucumanduba
São Joaquim	Manoel Silva	Rio Tucumanduba
Santo Antonio	Antonio Pinheiro Filho	Rio Quianduba
Engenho Pacheco	Pacheco	Rio Furo Grande
São Pedro	Venâncio Vilhena	Rio Quianduba
Gentil	Raimundo Quaresma	Furo Gentil
Santa Rita	Raimundo Maués	Rio Cuitininga
São João	Abel Rodrigues	Rio Bacuri
Primavera	Francisco Lobato	Rio Panacuera
São Gerônimo	Noel Guimarães	Furo do Panacuerazinho
Santo Antonio	Rosendo Maués	Rio Panacuera
Santa Cruz	Murilo Carvalho	Rio Abaeté
Amazônia	Nazareno Cardoso	Ramal de Beja

FONTE: Pacheco (1988)

Este é, portanto, o mapa dos engenhos que fabricavam a aguardente e a comercializavam. Engenhos históricos e importantes para a economia do Município, atualmente restando somente o Engenho Pacheco como fonte histórica da cachaça, pois encerrou suas atividades em 2011 e é por meio dos registros dele que se tem memória do que foi o auge da produção de aguardente em Abaetetuba.

CAPÍTULO III - O AUGE E O DECLÍNIO DOS ENGENHOS

O trabalho de campo junto aos engenhos de Abaetetuba, nos dá a possibilidade de conhecer e vivenciar o *lócus* da pesquisa e, assim, de dialogar com alguns dos personagens que participaram desta história. Ele pode contribuir com o melhor entendimento da história de Abaetetuba e de seus aspectos sociais, educacionais e econômicos, apontando para as décadas passadas e seu modo de organização e produção no período - e pós período – ligado ao auge da cachaça. Todas as informações são fontes e relatos de autores³ que pesquisam a temática e que vivenciaram esse período no Município.

A necessidade de estudar, registrar e buscar informações nas diversas fontes por meio de fotos, entrevistas, jornais da época, artefatos culturais, material histórico, objetos, documentos, voltou-se ao melhor entendimento do processo. A pesquisa, neste caso, dá atenção especial para os registros/relatos da história do “AUGE DA CACHAÇA”, relativos às ruínas do ENGENHO PACHECO. Esse direcionamento, importância e interesse em pesquisá-lo diz respeito, primeiramente ao fato de que é o único engenho existente no Município, na verdade um remanescente de toda uma história de prosperidade econômica vivida no passado. Segundo o Sr Pacheco há uma pequena produção de cachaça artesanal no rio Abaeté, mas essa não se configura como engenho.

Outro fator importante de ressaltar é que por meio da história desse engenho, que experimentou o seu auge entre 1950 a 1960, saberemos os fatores que levaram a grande produção e comércio de cachaça em Abaetetuba ao declínio. Outro fator de interesse dessa pesquisa é contribuir para futuros estudos sobre esta temática, visto que não há muitas fontes que registrem a história dos engenhos relacionadas com a economia e aos fatores da decadência dessa produção.

Também é de suma importância essa pesquisa, pois o Engenho Pacheco, encontrando-se em ruínas representa um marco da memória da época, então, a contribuição dessa pesquisa de campo é importante porque, também, envolveu a entrevista com o seu ex-proprietário. Além disso, as imagens capturadas e

³ Autores -pesquisadores da aguardente Abaetetubense que contribuíram para relatar, escrever e registrar momentos da economia abaetetubense que era garantida pela grande produção de cachaça: Jorge Machado, Monteserrat, Nazaré Lobato, Ademir Rocha e Pacheco.

registradas de todo o engenho, das máquinas – para entendermos a sua significação no processo de produção da cachaça – é um registro de suma importância.

3.1 O AUGUE DA CACHAÇA EM ABAETETUBA: “ALICERCE DA ECONOMIA”

Na necessidade de se ter informações sobre o declínio dos engenhos de Abaetetuba – quando se sabe que havia mais de sessenta (60) deles - os relatos do Sr. Pacheco, e que os engenhos eram os grandes e principais responsáveis pela dinâmica e crescimento econômica do Município. Atualmente existem ruínas somente do Engenho Pacheco, portanto, é importante apresentarmos o auge dessa época, da economia ligada ao produto “cachaça de Abaetetuba”.

Fig. 04: Engenho Pacheco – anos 1980, produção ainda em alta. A foto mostra trabalhadores na máquina de moer e triturar a cana-de-açúcar (moinho) que tirava a chamada garapa que era transportada para os grandes toneis.



FONTE: ACERVO PESSOAL

Segundo Santos, Correa e Rocha (2013), a cachaça foi um produto que teve uma expressão econômica significativa desde o período colonial. Abaetetuba viveu esse auge no decorrer das décadas 1950 a 1960. No auge da produção da cachaça em Abaetetuba, a produção ultrapassava qualquer concorrência de produção agrícola na época.

Assim, a aguardente se firmava cada vez mais como o grande alicerce da economia abaetetubense. E com tanta produção e crescimento, demandava maior estrutura dos engenhos, exigindo, inclusive, ampliações e mais maquinário. “No auge da cachaça, Abaetetuba tinha mais de 60 Engenhos produzindo aguardente a todo vapor, somente no Engenho Pacheco era Produzido artesanalmente 800 litros a cada 5 dias” (depoimento PACHECO).

Fig. 05: Engenho Pacheco – Essa imagem retrata o Engenho Pacheco nos anos 1970, período que ainda, se tinha boa produção de cachaça. As máquinas todas funcionando para o progresso econômico da Cidade.



FONTE: ACERVO PESSOAL

Note-se que com a economia crescendo, os engenhistas investiram mais em máquinas e na compra de materiais. Isso fez com que os engenhos comesçassem a se equipar e a se “modernizar” com máquinas que de melhor qualidade, que eram fabricadas na Europa. Entre elas pode-se destacar: caldeiras, moendas e os conhecidos alambiques. Todos esses produtos e maquinários foram comprados na Inglaterra, o investimento garantiu maior produção e a ampliação de demandas para as vendas.

A aguardente comercializada em Abaetetuba era vendida na feira da cidade, mas esse comercio se dava por meio da venda e da troca do produto por outros

bens, pois havia intercâmbio de diferentes comércios com os municípios de outras regiões. Desta maneira, a aguardente de cana de açúcar, produzida em grande quantidade passou a ganhar muitos mercados ao mesmo tempo em que conquistava a opinião pública de melhor aguardente fabricada no Estado do Pará.

Fig 06: Engenho Pacheco - Máquina importada de Londres, Inglaterra. Essa máquina tinha a função de transportar, via tubos, a cachaça fermentada dos toneis e levá-la até o alambique. Isso mostra todo o investimento econômico para manter a boa e próspera produção de cachaça.



FONTE: ACERVO PESSOAL

A comercialização e a dinâmica da produção mostra a importância e o valor de produto da aguardente. Os engenhos faziam suas vendas tanto no comércio interno quanto no externo. No mapa dos engenhos se tem a noção do número desses estabelecimentos que estavam distribuídos pela região, em sua maioria nas ilhas de Abaetetuba. O número significativo de engenhos, justifica a sua importância no crescimento econômico local, o que beneficiava muitas famílias, pequenos agricultores que traziam seus produtos - a cana-de-açúcar - e vendiam para os engenhos.

Uma “história da aguardente” só tem sentido, quando ela participa do processo histórico e dos regimes sociais enquanto produto da atividade humana por meio do qual as mais diversas relações de afinidade e/ou de conflito se estabeleceram entre diferentes agentes sociais (CASCUDO 2010, P. 24).

As relações sociais em torno dos engenhos eram intensas, como demonstra a fala de seu Pacheco:

“No auge da produtividade da aguardente, os engenhos tinham mais de trinta trabalhadores, que se dividiam nas diversas atividades do engenho: embarcar e desembarcar a cana no porto do engenho, cortar e limpar a cana, e o procedimento na produção dentro do engenho, o pessoal que preparava a cachaça nas máquinas.

Neste sentido a narrativa de seu Pacheco é bastante ilustrativa, mostrando que houve todo um envolvimento local nas comunidades onde estavam localizados os engenhos, que estabeleciam relações diretas com os trabalhadores e as famílias dos mesmos. Ou seja, muitas famílias eram beneficiadas com os trabalhos dos engenhos.

Os ribeirinhos eram empregados pelos engenhistas e desfrutavam de toda a assistência e regalias, que eram garantidas pelos patrões dos engenhos. Os trabalhadores dedicavam-se a produção e manutenção do crescimento do produto e aos engenhistas cabia a garantia de assistência as famílias dos trabalhadores (PACHECO 1988, P. 6).

A década que compreende os anos de 1950 e 1960 foi o grande marco da produção em grande escala, e o auge da economia para o município, o que garantiu por muito tempo emprego e renda para muitas famílias, em sua grande maioria, originárias das ilhas, conforme Machado (1986). A cana-de-açúcar, que é o produto básico da economia municipal da época, e os lucros em torno de seu cultivo e beneficiamento possibilitou que em “algumas localidades onde haviam engenhos, foram construídas boas escolas, estruturas de pontes, barracões para a comunidade, ou seja, enquanto os trabalhadores estavam nos Engenhos, os filhos estavam estudando em escolas na comunidade”, explicou seu Pacheco.

Era uma época próspera que se desenvolvia por conta da produção e crescimento da cachaça e que enriqueceu muitos engenhistas e qualquer pessoa que quisesse investir nesse produto. Segundo o IDESP⁴ (1983) foi justamente nesta

⁴ Índice de desenvolvimento da educação o estado de São Paulo.

época que Abaetetuba despertou para o progresso industrial e comercial rumando para um período próspero que só viria a decair em meados de 1971.

Nos depoimentos do Sr. Pacheco, os engenhos tiveram seu auge principalmente nos anos 50 e 60, mas não foi somente nessa década que ocorreu uma boa produção. Segundo ele, os engenhos foram desaparecendo e suas atividades decaindo aos poucos, pois os que restavam iam produzindo, comercializando, exportando. Essas atividades perduraram até os anos 1990, como ele descreve em seus depoimentos. “Os engenhos ainda tiveram boa produtividade de aguardente até os anos 90, ainda se falava em cachaça para comprar e exportar. Ainda era uma boa época para os engenhos remanescentes”.

3.2 O DECLÍNIO DA CACHAÇA EM ABAETETUBA

Momentos muito importante dessa pesquisa e que nos remete a vários questionamentos, quando fomos a campo e observamos o engenho e no momento da entrevista com o proprietário: Sr. Pacheco que descreve os momentos do auge e declínio. São histórias e depoimentos que indicam diversas causas que levaram à ruína os engenhos e o final de uma época próspera.

A queda da fase de ouro da cachaça, que sem contar com a já lembrada falta de interesse e de ajuda dos donos do poder, contou ainda com a falta de manutenção e de modernização dos maquinários e, com “tiro de misericórdia”, o arrocho de encargos sociais e multiplicidade de indenizações decretadas pela justiça do trabalho aos empregados que a ela recorreram, levou todos os que teimaram em continuar à falência (MONTE SERRAT, 1990, P. 114).

Portanto, tais fatores são importantes para entendermos os percalços do declínio da cachaça, como fica claro na narrativa de seu Pacheco:

Os Engenhos de Abaetetuba produziam de forma artesanal, sem produtos químicos, onde cada etapa era feito em um dia, para se produzir 800 litros de cachaça era preciso cinco dias, fermentando, destilando, etc. E a cachaça produzida no Sul do País era industrializada, mais barata e com produção diária e rápida. A concorrência de nossa região começa a não suportar, e principalmente, com o progresso e desenvolvimento das rodovias e estradas, linhas telefônicas, entre outros, ficava bem mais fácil comprar e transportar de outros Estados tendo maior quantidade e menor preço.

Isso mostra que os engenhistas não acompanharam os processos de modernização e, sem um bom investimentos em outros maquinários, mais modernos, para a produção da cachaça, começou a despencar as vendas para outras regiões, visto que o Sul do país tinha maior e melhor produção, transporte terrestres nas estradas e rodovias e o produto com baixo custo de mercado.

O processo de fabricação de cachaça, estes que ocorreram no Nordeste e no Sul do país, os quais fizeram aumentar o custo do produto para a comercialização no Pará e a permanência no mercado, já que os plantios de cana e a mão de obra se encontravam escassas e assolavam quase todos, levando os plantadores a despertarem em tomar outro ramo de vida, muitos a virem tentar a vida na cidade fazendo muitos dos engenhos a fecharem suas portas, sendo alguns teimaram em permanecer a exercendo a atividade mesmo com a crise que enfrentaram, sem excedente, apenas para suprir a localidade e alguns eventos em dias festivos (SANTOS, CORREA e ROCHA 2013, P. 42).

Sem muito o que fazer, pois sem produção e venda da cachaça não havia capital para investir na modernização dos engenhos, aqueles de menores estruturas e produção logo foram parando, vendendo peças para as empresas de sucatas e as pessoas migrando para os centros urbanos. Também, alguns com muitas dívidas trabalhistas foram fechados pela justiça do trabalho e, a partir daí, leiloados.

Outro fator que contribuiu para o declínio dos engenhos, foram as leis trabalhistas, pois em sua maioria, não eram registrados como empresa jurídica e, por isso, não garantiam os direitos trabalhistas de seu funcionários. Não assinavam carteiras de trabalhos, não pagando horas-extras, e com isso a justiça do trabalho interviu exigindo os benefícios para os trabalhadores. Muitos engenhos, já em decadência, declararam falência e fecharam, como deixou claro seu Pacheco.

Com a crise econômica dos engenhos, quase todos sem produção e perdendo concorrência no mercado, os problemas começaram a surgir, visto que outras regiões como o Nordeste e o Sul, faziam além de boa e grande produção da bebida, um trabalho industrializado, onde os trabalhadores não tinham grande esforços manuais e, ainda, trabalhavam menos horas, pois as máquinas faziam todo o processo de produção.

Fig 07: Engenho Pacheco – Essa fotografia mostra bem a situação estrutural do único engenho de Abaetetuba – Engenho Pacheco. O que foi riquezas de um tempo áureo ao declínio da perversa e devastadora concorrência capitalista.



FONTE: ACERVO PESSOAL

Em Abaetetuba era preciso carregar a cana das embarcações, moer grande quantidade, esperar a fermentação, a destilação e somente após cinco dias era considerado o final de uma produção. Isso levava muitas horas, dias e deixava os trabalhadores exaustos, além de receberem pouco por todo esse trabalho.

Além disso, ainda tinha toda uma dificuldade para o trabalhador em relação ao recebimento de dinheiro em espécie, pois ele precisava comprar alimentos para a família, mas o que eram oferecidos a eles era um sistema de compra a prazo de pagamento chamado de sistema de aviamento. Havia os comércios da localidade e os trabalhadores compravam “fiado” os alimentos e produtos, os quais deveriam ser pagos quando recebessem dos engenhistas.

No final do mês o acerto de contas onde eram abatidas do devido ao trabalhador. O estímulo inicial de ter e poder usar o dinheiro era, porém, uma ilusão para o trabalhador [...] faziam no perder de sua liberdade de usar o que ganhava, se é que sobrava algo além do estritamente necessário à subsistência (MACHADO 2008, P. 18).

Esse tipo de relação se dava pelo fato de que os donos de engenhos cuidavam das famílias dos trabalhadores, envolvendo um processo de

assistencialismo paternalista, onde ajudavam com pequenos serviços e isso já era considerado uma parte do pagamento do trabalho deles nos engenhos. E o restante seria pago diretamente ao comerciante que “aviava” os alimentos para as respectivas famílias.

Segundo Machado (2008) tanto o sistema de aviamento quanto a produção de cachaça durou quase um século em Abaetetuba, porém com uma forte concentração de renda nas mãos de poucos.

Alguns donos de engenhos e empresários enriqueceram e, mesmo mudando de profissão com o declínio da cachaça, conseguiram ter outros meios de trabalhos no comércio de Abaetetuba. Segundo Machado (2008) e os relatos do Sr. Pacheco, elenco os principais fatores do declínio dos engenhos de cachaça: 1) o não acompanhamento de modernização; 2) a impossibilidade dos engenhos de Abaetetuba concorrer com as produções do Nordeste e do Sul do país; 3) a implantação da sede da Justiça do Trabalho na região, que exigiu mudanças nas relações de trabalho Patrão e Empregado.

Este último fator, segundo relatos do Sr. Pacheco foi o principal motivo para o fechamento dos mais de 30 engenhos que tinham no Município de Igarapé-Miri, cidade vizinha de Abaetetuba e que tem fortes relações comerciais com a segunda. De acordo com os autores pesquisados que discutem o tema em questão, percebe-se que não há um fato determinante para que ocorresse esse declínio, e sim fatores e processos de caráter econômicos e sociais que determinaram os destinos dos engenhos. O Sr. Pacheco, que foi o terceiro proprietário do Engenho Pacheco, também apontou fatores que levaram a decadência, indicando em seu depoimento “modernidade”, envolvendo as rodovias, estradas, linhas telefônicas e industrialização do produto com fatores determinantes do declínio da produção da bebida.

Ele se refere a mudanças sociais-culturais, pois as comunidades ligadas aos donos de engenhos, no decorrer do declínio, começaram a mudar culturalmente levando os costumes, que antes eram nativos de: caçar, pescar, andar de canoa, etc. esses artefatos culturais ganham ares de globalização e as pessoas começam a ficar mais próximas das fábricas, indústrias e mudam os costumes e a dinâmica de relações tanto de trabalhos, quanto as relações humanas.

Então, os engenhos de Abaetetuba tiveram em tempos áureos em suas produções, uma grande contribuição para a economia do município, pois a Cidade ganhou destaque e importância econômica, sendo hoje é considerada polo da Região Tocantina. Segundo relatos do Sr. Pacheco, algumas comunidades ganharam escolas a partir dos engenhos que construíram centros educacionais nas comunidades. Enfim, a trajetória histórica de Abaetetuba é contada também, pela história dos grande engenhos em vários aspectos socioeconômico e culturais.

3.3 ENGENHO PACHECO: DO AUGUE DA ECONOMIA ABAETETUBENSE A PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL

As ruínas desse tempo áureo da cachaça e do presente que teima em resistir, com o único engenho que restou para registro da história dos tempos de riquezas advindas da cachaça. A imagem do Engenho Pacheco em ruínas perdura, mas com promessas políticas de restauração, reformas, ou somente um “retoque” na estrutura de madeira, que está caindo ao chão como aparece nas fotografias. É preciso ressaltar que o Engenho Pacheco é um patrimônio histórico-cultural já tombado – segundo o Proprietário do engenho e a SECULT.

Em relatos, o Sr. Pacheco falou que reuniu com a Secretaria de Cultura do Estado – SECULT – e a Companhia Paraense de Turismo – PARATUR – para entrar nos trâmites legais do processo de tombamento. Isso aconteceu mas o Sr Pacheco não vê vantagem, pois faz 8 anos do ocorrido e nada foi feito no Engenho e, na condição de imóvel tombado pela Lei Estadual nº 5.629 de 20/12/1990, que “Dispõe sobre a preservação e proteção de Patrimônio Histórico, Artístico, Natural e Cultural do Estado do Pará”, não se pode reformá-lo, restaurar e nem colocá-lo em funcionamento. Tal dilema o deixa sem saber o que fazer.

O relato de seu Pacheco dá uma ideia da situação:

Reuniram pra fazer o tombamento, porém não pode vender, nem, reformar e nem restaurar com a promessa de ter fundo para fazer toda a reforma possível. Mas, isso já faz oito anos, e nada de qualquer reforma, somente um engenheiro da Secult visitou o Engenho e fez uma planta, mas depois nada foi feito e o engenho permanece se deteriorando junto com as máquinas, os recursos existem para as reformas no Engenho, mas, nada é feito, pois só as promessas de órgãos e entidades culturais.

Até emendas parlamentares já foram destinadas para o Engenho, mas nada chega para socorrê-lo e nada acontece para “reviver” esse patrimônio. Outra indignação do proprietário, diz respeito ao fato de que o poder público Municipal não investe e nem discute a possibilidade de fazer algo para incentivar o turismo na cidade, visto que o engenho faz parte da história do Município. Mas, o que fica de expectativa de do investimento para a reforma, funcionando assim como ponto turístico-cultural.

Falam em concessão de estímulos para que os antigos donos voltem a produzir a famosa cachaça abaetetubense, mesmo que de forma artesanal e como produto turístico. Seu Pacheco, entretanto, não acredita nessa possibilidade e ainda tece fortes críticas em relação a falta de incentivo do Município. Ele prefere ficar na expectativa de que o bem cultural seja revitalizado, o que ainda pode acontecer já que o Engenho passou a ser registrado como Patrimônio histórico-cultural de Abaetetuba e do Pará, quando serão feitas as devidas reformas e cuidados com todo o equipamento que restou, que é a verdadeira história do auge e declínio da cachaça de Abaetetuba,

3.4 CULTURA DA CACHAÇA DE ABAETETUBA: ENGENHO PACHECO

Além do Engenho Pacheco havia mais 10 Engenhos na mesma localidade do rio Furo Grande, na região ribeirinha das ilhas de Abaetetuba. Portanto, a maioria dos engenhos que existiam em Abaetetuba, como é possível observar no “mapa da cachaça”, estavam localizados nas ilhas de Abaetetuba, uma vez que as margens dos rios facilitavam o transporte da matéria prima, a cana-de-açúcar, para fazer a cachaça.

O Engenho Pacheco está com as atividades de produção de cachaça parada há dois anos. Depois dos anos 90, segundo o proprietário, ocorreu ainda a produção de aguardente em Abaetetuba, no entanto, as atividade pós 90, eram somente para abastecer pequenos comércio e localidades, não chegando, nem de perto, ao que foi nas décadas do grande auge da cachaça. O Engenho Pacheco tem mais de 100 anos, tendo passado por três proprietários diferentes, o que fez com que tivesse

nomes diferentes ao longo do tempo, os quais foram: Empresa União, Empresa Nazaré, Capricho e, finalmente, Engenho Pacheco.

Este último é que ganhou destaque levando o nome ao conhecimento popular. Esse nome identifica a tradicional família Pacheco, de Abaetetuba, com destaque na educação, política e economia. O único engenho que restou desse período, conhecido na história de Abaetetuba, como o período da cachaça foi o Engenho do Pacheco.



FONTE: ACERVO PESSOAL

Pesquisando esse engenho constatei que ele era, realmente, muito importante para economia e para a família Pacheco, hoje ele tem valor cultural e sentimental, mas ainda segundo o Sr. Pacheco, pode funcionar não para produção econômica de venda e, sim, para fazer parte de visitas e mais pesquisas da história de economia Municipal.

3.5 ENGENHO PACHECO - “DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO”

Fig 08: Engenho Pacheco – Frente do engenho em ruínas. Como o proprietário relatou, ele está impossibilitado de fazer qualquer reforma, necessitando atenção dos órgãos que tombaram o patrimônio.



FONTE: ACERVO PESSOAL.

Fig. 09: Engenho Pacheco – O que restou dos 8 tonéis de armazenamento da cachaça, onde a bebida passava dias no processo de fermentação até passar para outra fase de produção.



FONTE: ACERVO PESSOAL

Fig.10 Engenho Pacheco: O Alambique que, segundo o proprietário, é a máquina mais importante e complexa da produção da cachaça. Destila a bebida levando para o tonel, pronta para o consumo.



FONTE: ACERVO PESSOAL

Fig. 11: Engenho Pacheco – Na fotografia o proprietário do engenho mostra e explica o funcionamento do forno – caldeira. Na outra foto aparece a maquina de moer – moinho - a cana, para tirar o que se chama de garapa, o caldo da cana. Essas máquinas já estão muito deterioradas, mas segundo o senhor, ainda podem funcionar visto que foram desativadas em 2011.



FONTE: ACERVO PESSOAL

Enfim, observando as imagens e a história da cachaça em Abaetetuba podemos perceber que houve grande contribuição econômica advindo deste produto, para que o Município ficasse conhecido como “a terra da cachaça. E segundo Pacheco, ainda há possibilidade de manter esse nome, mesmo, sem aquele auge de décadas passadas, mas, que se espera das autoridades do Estado do Pará, o reconhecimento e importância que esse engenho tem, principalmente para a história e cultura. Pois, espera-se que projetos de incentivos culturais sejam direcionados para que esse engenho se reafirme como patrimônio histórico e cultura e sirva como um ponto turístico que conta a história de Abaetetuba e, também, do Pará, visto que a cachaça de Abaetetuba era que abastecia vários mercados dos municípios do Estado.

Ou seja, ainda podemos ter não somente em registro impresso, como também, visitar e ver o único engenho remanescente da história de grande auge da economia abaetetubense advinda da extração da cana de açúcar, conhecida como garapa e transformada na cachaça, cachaça de Abaetetuba.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, o Município de Abaetetuba, assim como a capital do Pará, Belém, que teve um crescimento econômico enorme com a exploração da borracha no século XIX e início do século XX, cuja época de grande desenvolvimento ficou conhecida como *Belle Époque*. Num momento histórico parecido, Abaetetuba viveu a prosperidade com a cachaça, o que culminou com crescimento e mudanças tanto da economia quanto da Cidade nos aspectos sócio-político e cultural. Ou seja, o período da cachaça foi de fundamental importância, pois contribuiu para a verticalização dos aspectos de renda, receita, capital financeiro, o que deixou até os dias atuais, indícios de uma época de grande importância que o Município viveu: período que recebeu a nomenclatura de “terra da cachaça”.

Há várias questões importantes que envolvem esse resgate histórico nessa pesquisa, das causas do declínio de mais de 60 engenhos de Abaetetuba, conforme Pacheco (1988). Houve um contexto econômico-social de concorrência regional e de avanço da globalização nos aspectos da modernização, e também, em termos de causas sociais nas relações de trabalho, quando os trabalhadores começam a ser amparados por leis trabalhistas e a reivindicar seus direitos. São fatores que levaram os engenhos a reduzirem a produção e, assim, perdendo espaço no mercado. E com isso, o Município de Abaetetuba, também, estagnou economicamente, pois, segundo Machado (1986), quase 70% da economia do Município girava em torno da produção dos engenhos.

Os fatores econômicos-sociais que contribuíram para mudança de paradigma no contexto do Município não são os únicos. Há, também, o processo cultural, pois havia no período da cachaça, uma dinâmica diferente, onde 90% dos engenhos estavam situados nas ilhas, então, havia uma parcela bem maior das pessoas morando em torno desses engenhos, por motivos de trabalho e estrutura que eram oferecidas nesses espaços. Dessa forma, o povo era predominantemente ribeirinho com costumes do caboclo Amazônico, ligados a pesca, caça, lendas e comidas e costumes.

Assim, essa pesquisa não só contribui para dimensionar as causas do declínio desses engenhos, como também, auxilia a entender o imaginário sociocultural que envolvia o Município nessa época e como toda a riqueza e o crescimento que a

aguardente trouxe marcou a história da cidade. Por isso, é importante que o Município de Abaetetuba preserve e mantenha o único engenho centenário que restou – Engenho Pacheco - e, que por meio dele, as histórias de Abaetetuba sejam contadas e lembradas.

Outro aspecto importante dessa pesquisa é o de contribuir com estudos referentes ao tema proposto, pois poucos registros desse tempo foram realizados. Portanto, ao ir a campo pesquisar creio que consegui trazer alguns aspectos desse rico passado, a fim de registrá-los visando cooperar com os estudos e futuras pesquisas, de maneira a trazer à tona reflexões sobre a importância do engenho em ruínas, para que ele seja preservado enquanto uma parcela importante da memória de Abaetetuba, especialmente dos períodos e contextos que contribuíram muito para o crescimento do Município.

Concluindo, é preciso dizer que a “economia da cachaça” dos engenhos foi de muita importância para Abaetetuba, apesar das dificuldades que levaram ao declínio. A aguardente ainda tem forte valor no mercado e pode, ainda, ser mais um bom produto da economia de Abaetetuba, restituindo o foco cultural da cachaça e da história da nossa gente.

REFERÊNCIAS

ATLAS BRASIL PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. 2013.

CAMARA, Marcelo. **CACHAÇA: PAZER BRASILEIRO.** Disponível em: www.neip.info.com. Data de acesso:02/02/2014

CASCUDO, Luis da Camara. **CACHAÇA E A HISTÓRIA DAS BEBIDAS NO BRASIL.** São Paulo, 2010.

DIAS DOS SANTOS, Cléia / CORREA, Gracilene Farias / ROCHA, Lenildo Bahia. **HISTÓRIA DO “ENGENHO PACHECO” EM ABAETETUBA** – Faculdade Ipiranga. Abaetetuba- Pa, 2013.

IBGE, **Cadastro Central de Empresas 2011.** Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

LOBATO, Maria de Nazaré Carvalho – **SECULT** -1993.

MACHADO, **JORGE. TERRAS DE ABAETETUBA.** Abaetetuba, 1986.

_____. **HISTÓRIAS DE ABAETETUBA.** Abaetetuba, Alquimia: 2008.

MELLO, Sérgio Carvalho Benício de. SILVA, Daniella Ramos. **A MITOLOGIA NA REPRESENTAÇÃO CULTURAL DA CACHAÇA: IMAGEM NEGATIVA E TENTATIVA DE RESSIGNIFICAÇÃO** – Disponível em: www.e-compos.or.br, data de acesso:15/03/2014

MONTE SERRA, Maria do. **VERDADES, ATOS E FATOS AINDA DITOS.** Belém: Arajá, 1999.

MÜLLER, G. **COMPLEXO AGROINDUSTRIAL E MODERNIZAÇÃO AGRÁRIA**. São Paulo: HUCITEC, 1989. p.17-67

PACHECO, Jucélia Corrêa. **OS ENGENHOS REMANESCENTES DE AGUARDENTE DE CANA DE AÇUCAR NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA** – Campus Universitário de Castanhal, 1988.

PARÁ, Governo do Estado. Secretaria de Estado de Cultura – Secult. **RELATÓRIO SOBRE O ENGENHO DO PACHECO**, em Abaetetuba-Pa, 2008.

NEGRI, Elbert Muller (UFMG). **COMPARANDO PROCESSOS INDUSTRIAIS E ARTESANAIS: UMA APLICAÇÃO DA ANÁLISE SIMPLIFICADA DO CICLO DE IDA NA PRODUÇÃO DE CACHAÇA**. São Paulo–Brasil, 2010.

I. LOPES, Brenner. II AMARAL, Jefferson Ney. III. CALDAS, Ricardo Wahrendorff. **POLÍTICAS PÚBLICAS**. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais.

LOPES, Brenner. AMARAL, Jefferson Ney. CALDAS, Ricardo Wahrendorff. **POLÍTICAS PÚBLICAS: CONCEITOS E PRÁTICAS** – Belo Horizonte : Sebrae/MG, 2008.

VILELA, Rita Almeida Teixeira. **SOCIOLOGIA PARA EDUCADORES** – Rio de Janeiro, 2ª ed. 2002.

Coletânea de artigos (sessão livros). Disponível em oglobo.globo.com/economia, data de acesso: 08/01/2014

Artesanato paraense encanta na Feincartes 2013. Disponível em: www.homeartesanatoparaense, data de acesso: 12/02/2014

ANEXOS

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO

Relatório de questões:

- No auge da cachaça quantos engenhos tinham em Abaetetuba e quais as principais características desse auge?
- Quais as décadas que mais houveram produção e crescimento econômico?
- Quais os principais fatores da decadência? Quando iniciou esse processo?
- Quantos engenhos restaram pós declínio da cachaça? Quantos tinham aqui e ainda restam nessa localidade? Rio Furo Grande.
- Como se dava a relação de trabalho no engenho? Patrão-empregado?
- Houve algum investimento, no auge da cachaça, nas comunidades para o desenvolvimento da comunidade?
- O poder público – prefeitura – demandavam algum investimento nos engenhos de Abaetetuba?

ANEXO 02 – Reportagem sobre a produção da cachaça de Abaetetuba.

Terra da cachaça já foi alvo de pesquisa

A época em que Abaetetuba era considerada a capital da cachaça foi objeto de estudo em nível de iniciação científica, do bolsista da Universidade Federal do Pará (UFPA) Helder Bruno Palheta Ângelo.

Sob a orientação do arqueólogo Fernando Marques, o bolsista realizou a pesquisa denominada "A Cultura Material dos Senhores de Engenhos de Igarapé-Miri e Abaetetuba no século XIX" e estudou as transformações no setor ao decorrer do século XIX.

A pesquisa objetivava conhecer mais detalhes sobre o cotidiano dos engenhos amazônicos no século XIX e as transformações ocorridas no final desse período. Helder Bruno explica que estudou testamentos e inventários registrados na época e que a partir da listagem de bens, pôde determinar como essa classe modificou seus hábitos, investindo em itens que remetem à necessidade do conforto familiar e das relações de sociabilidade.

A documentação coletada na pesquisa aponta que, na primeira metade do século XIX, os senhores de engenho de Igarapé-Miri e



Jurandir Pacheco mostra por onde se tira o líquido de sabor apurado

Abaetetuba, municípios paraenses, possuíam maior quantidade de bens voltados para a produção econômica que objetos destinados ao conforto familiar.

"Em ambientes rurais amazônicos, de baixa densidade populacio-

nal, onde as propriedades estavam afastadas por léguas de distância, os momentos de sociabilidade eram raros ou inexistentes, não sendo, portanto, intenção dos moradores destes sítios destacarem objetos de luxo", explica Helder Ângelo.

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CACHAÇA SEGUE AS SEQUÊNCIAS:

■ A fomalha adaptada utiliza como combustível a lenha e o próprio bagaço da cana-de-açúcar. A queima da lenha e do bagaço aquece um reservatório de água até que esta entre em ebulição, produzindo o vapor que é canalizado por tubulações de ferro até o cilindro que contém o pistão, que executa a compressão e expansão do vapor, em movimento constante.

■ O movimento do pistão faz girar uma alavanca acoplada às engrenagens e o movimento é transmitido a cilindros que esmagam as varas de cana-de-açúcar;

■ O caldo das varas de canas esmagadas escorre até um reservatório chamado paiol de onde é levado por um mecanismo de sucção que utiliza o movimento

gerado pelo vapor d'água até grandes tanques de fermentação;

■ Dentro dos tanques já existe o melaço que faz com que o caldo sofra fermentação alcoólica por 4 dias;

■ Após o período de fermentação o caldo é levado por tubulações de PVC até uma bomba que utiliza a força gerada pelo vapor d'água e consegue ejetá-lo até o alambique onde ocorrerá o processo de destilação;

■ A etapa final da produção consiste em avaliar o nível de álcool na cachaça através de um funil e um instrumento denominado alcoômetro.

■ Verificado o nível de álcool na cachaça, ela está pronta para ser engarrafada e consumida.



ANEXO 3 – Reportagem sobre o Engenho Pacheco.

Saudade e aguardente no engenho de Abaeté

PACHECO

É a última fábrica artesanal de cachaça que ainda funciona

AYCHA NUNES

Da Redação

Descrever o sabor de uma cachaça saída direto do alambíque é tão difícil quanto chegar até o último engenho em funcionamento do nordeste paraense. Para conhecer o lugar é preciso primeiro viajar até Abaetetuba. Saído de Belém e usando a alça, viária a viagem demora cerca de uma hora e meia. Chegando lá, é preciso alugar um pequeno barco a motor (conhecido como rabeta) e se preparar para mais uma hora e meia de viagem pelo rio de águas turvas que banha o município. É lá, escondido em um dos “furos” do rio Maratauíra (ou Meruú) - um dos afluentes do Rio Tocantins - onde Jurandir Pacheco vive e mantém vivo o engenho que herdou de seu pai e leva o nome da família.

O engenho Pacheco é o último dos mais de 70 engenhos de aguardente que existiam na região entre as décadas de 1960 e 1990. O local é simples. Faltam tábuas na estreita ponte de madeira que liga a residência de Pacheco ao engenho. Segundo o proprietário, o lugar foi fundado há mais de 100 anos.

Os maquinários de ferragem ainda são os mesmos trazidos da Inglaterra. A produção é feita de forma artesanal. É o bagaço da cana de açúcar moída que mantém acesa a chama da caldeira responsável pela transformação do caldo da cana em cachaça.

A produção é lenta e considerada pequena frente às indústrias



A velha máquina ainda faz a bebida que passarinho não bebe

que produzem a bebida. É preciso quinze toneladas de cana de açúcar para fazer 600 litros de aguardente. “Isso se a cana for boa”, emenda o dono do engenho. Em média, segundo ele, quando o engenho funciona, são produzidos 400 litros.

A matéria prima é comprada por frascadeiras. Cada frascadeira é formada por dez feixes com 50 quilos de cana de açúcar cada um. São necessárias 30 frascadeiras para que o engenho produza entre 400 e 600 litros de cachaça. Paga-se por frascadeira R\$ 150. Vende-se o litro da cachaça por R\$ 10. Toda a produção é vendida em Abaetetuba.

Quando os 600 litros são vendidos, a renda obtida não ultrapassa R\$ 1.500,00. E ainda é preciso descontar o dinheiro usado na compra de lenha, de óleo para o maquinário e do pagamento dos homens que

O que a tradicional família apura é pouco e tem de dividir com quem trabalhou no local

trabalham no engenho.

Não é sempre que o engenho funciona. As máquinas funcionam a cada vinte dias. Em dia de produção, o local, normalmente frequentado apenas por Jurandir e sua esposa Adalgisa, recebe a presença de outras seis pessoas. São elas que ajudam Jurandir a manter o engenho ativo. Cortam, moem, carregam a cana de um lado para o outro e, claro, cuidam para que a cachaça produzida em Abaetetuba não se restrinja aos versos de Ruy Barata: “Só de lembrar da mardita me lembrei de Abaeté...”

Anexo 4 - Relatório de pesquisa de campo

Entrevistas e depoimentos do Proprietário do Engenho Pacheco.

O Engenho Pacheco tem mais de 100 anos, que funcionou e produziu e já passou por três proprietários diferentes. Fazendo com que houvesse também nomes diferentes no Engenho, os quais foram: Empresa União, Empresa Nazaré, Capricho e Engenho Pacheco. Hoje o engenho é tombado, depois de muitas reuniões, projetos, promessas de investimento e que a melhor forma de captar recursos para a reforma do engenho seria o tombamento, mas isso não acontece todo ano falam que vai entrar em licitação a empresa que vai restaurar, mas, “sai ano e entra ano” e nada é feito e nada de recursos.

Reunirão com a Secult e Paratur para organizar os processos e fazer o tombamento. Até me arrependi, pois, não pode vender, reformar e nem restaurar. Pois, ele já é patrimônio, histórico-cultural somente os órgãos do Estado que fizeram o tombamento, podem fazer qualquer alteração na estrutura. Mas, só fica na promessa de ter fundo para fazer toda a reforma possível. Mas, isso já faz oito anos, e nada de qualquer reforma, somente um engenheiro da Secult visitou o Engenho e fez uma planta, mas, depois nada foi feito e o engenho permanece se deteriorando junto com as máquinas, os recursos existem para as reformas no Engenho, mas, nada é feito, pois, só as promessas de órgãos e entidades culturais.

Além do Engenho Pacheco haviam, mas 10 Engenhos na mesma localidade do rio Furo Grande. O Engenho Pacheco está com as atividades de produção de cachaça parada há dois anos, mas, depois dos anos 90, que segundo o proprietário, teve ainda produção de aguardente em Abaetetuba, as atividade pós 90, era somente para abastecer pequenos comércio e localidades, não era, nem de perto, em décadas do grande auge da cachaça. O Engenho Pacheco tem mais de 100 anos, que funcionou e produziu e já passou por três proprietários diferentes. Fazendo com que houvesse também nomes diferentes no Engenho, os quais foram: Empresa União, Empresa Nazaré, Capricho e Engenho Pacheco.

Esse Engenho faz parte não somente da história econômica do Município e sim da prosperidade social, pois, a caldeira – máquina a vapor do Engenho –

produziu energia para Abaetetuba em anos, onde o município era pequeno e após a chegada da energia elétrica essa máquina foi vendida para o Engenho.

No auge da cachaça, Abaetetuba tinha mais de 60 Engenhos produzindo aguardente. Os Engenhos de Abaetetuba produziam de forma artesanal, sem produtos químicos, onde cada etapa era feito em um dia, para se produzir 800 litros de cachaça era preciso cinco dias, fermentando, destilando, etc. E a cachaça produzida no Sul do País é industrializada, mas barata e com produção diária e rápida a concorrência de nossa região começa a não suportar, e principalmente, com o progresso e desenvolvimento das rodovias e estradas, linhas telefônicas, entre outros, ficava bem mais fácil comprar e transportar de outros Estados tendo maior quantidade e menor preço. Os engenhos de Abaetetuba não se modernizaram, mesmo com as máquinas importadas da Inglaterra em 1950 a 1970, mas, depois não foram substituídas por modernas e ainda eram máquinas com energia a vapor de queima de madeira, enquanto as do Sul do País eram a energia elétrica e com maior produção diária.

Outro fator que contribuiu para o declínio dos Engenhos, foi as leis trabalhistas, pois, os Engenhos, em sua maioria, não eram registrados com Empresa jurídica por isso, não garantido os direitos trabalhistas de seu funcionários: Não assinando carteiras de trabalhos, não pagando horas-extras, e com isso a justiça do trabalho interviu e exigiu os benefícios para os trabalhadores e muitos Engenhos, já em decadência, declararam falência e fecharam.

O poder Público Municipal –Prefeitura- não contribuiu para regularizar os poucos Engenhos que restam e, hoje, somente o Engenho Pacheco que é considerado patrimônio histórico cultural, também, não há investimento, incentivo e nem planejamento da prefeitura para que este local seja um ponto turístico e do Município. A prefeitura investe grande quantidade de dinheiro no carnaval e é algo que passa e não deixa nada, e porque ela não investe no Engenho, que já é um Patrimônio histórico-cultural.

Antigamente cada engenho fazia sua própria produção, investimento e reformas sem qualquer incentivo e nem recursos de prefeitura, mas, os engenhos contribuíam para o Município, além de da arrecadação Municipal eles ainda financiavam alguns eventos. Doavam cachaça para eventos.